

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

Lucas Henrique Garcia

EMPRÉSTIMOS, ESTRANGEIRISMOS E NEOLOGISMOS: UMA  
ANÁLISE TERMINOLÓGICA

BRASÍLIA/DF

2014

Lucas Henrique Garcia

EMPRÉSTIMOS, ESTRANGEIRISMOS E NEOLOGISMOS: UMA  
ANÁLISE TERMINOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade de Brasília, na área de Línguas, Léxico e Terminologia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Me.Marcos de Campos Carneiro

BRASÍLIA/DF

2014

Lucas Henrique Garcia

EMPRÉSTIMOS, ESTRANGEIRISMOS E NEOLOGISMOS: UMA  
ANÁLISE TERMINOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado junto ao curso de  
Línguas Estrangeiras Aplicadas ao  
Multilinguismo e à Sociedade da  
Informação da Universidade de  
Brasília, na área de Línguas, Léxico  
e Terminologia como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Bacharel.

Orientador: Prof. Me. Marcos de Campos Carneiro

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Me. Marcos de Campos Carneiro  
(LET/UnB)

---

Prof. Karine Dourado  
(LET/UnB)

---

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler  
(LET/UnB)

Brasília, 30 de junho de 2014

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha mãe, responsável por minha alfabetização e sempre presente nos momentos e conquistas mais importantes da minha vida. Deixo meu agradecimento também aos professores do departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB, que despertaram em mim o prazer de estudar o que amo, e, ao mesmo tempo, amar o que estudo. Agradeço, em especial, o meu orientador, professor Marcos Carneiro, pela disponibilidade, atenção e seriedade demonstradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

# **EMPRÉSTIMOS, ESTRANGEIRISMOS E NEOLOGISMOS: UMA ANÁLISE TERMINOLÓGICA**

Lucas Henrique Garcia

**RESUMO:** Este artigo pretende discutir questões relativas ao uso de palavras oriundas de línguas estrangeiras no português do Brasil a partir de uma reflexão sobre termos de diferentes línguas de especialidade. Para tanto, proceder-se-á a um panorama sobre as principais linhas teóricas da Terminologia, como a Teoria Geral da Terminologia (TGT), de Eugen Wüster, e a Socioterminologia, formalizada por François Gaudin (1993), com o objetivo de ilustrar a dicotomia existente no processo de enriquecimento do léxico brasileiro por termos estrangeiros. Analisaremos, então, os conceitos de empréstimo, estrangeirismo e neologismo.

**Palavras-chave:** Empréstimo. Estrangeirismo. Neologismo. Terminologia.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>DIFERENCIAÇÃO CONCEITUAL</b>	<b>10</b>
2.1	Empréstimo X Estrangeirismo	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.2	Neologismo e Neologia	14
<b>3</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA</b>	<b>16</b>
3.1	A influência das línguas de especialidade	18
<b>4</b>	<b>DIFERENTES VISÕES SOBRE O MESMO FENÔMENO</b>	<b>21</b>
4.1	Empréstimos e Estrangeirismos: descaracterização linguística	22
4.2	Empréstimos e Estrangeirismos: ampliação do léxico	23
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>26</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As diferentes abordagens linguísticas que tratam das unidades lexicais e terminológicas desenvolvem distintas teorias quanto ao uso de palavras de origem estrangeira por falantes do português do Brasil. Esta constatação se deve ao fato de que não há um consenso teórico, ou seja, uma única perspectiva de análise e compreensão dos fatores que influenciam o uso de expressões novas, advindas de outras línguas, em nossa língua portuguesa.

Diante disso, é perceptível a necessidade de contrapor dois conceitos essenciais: língua global e língua de especialidade. A língua global (também denominada língua geral por alguns autores a fim de evitar uma interpretação que leve a uma universalidade linguística, pois não deve ser compreendida como língua universal, língua única) diz respeito às palavras em suas variadas significações, independentemente de um contexto ou área temática<sup>1</sup>.

Cabré (1993, p. 148) considera que a diferenciação conceitual entre língua geral e línguas de especialidade é de difícil resolução. No entanto, define língua geral como “*o conjunto de regras, unidades e restrições que formam parte do conhecimento da maioria dos falantes de uma língua*” (CABRÉ, 1993, p.128). Em contraponto, utiliza a ótica pragmática para definir o conceito de “*linguagem de especialidade*”, como:

um conjunto de possibilidades determinadas pelos elementos que intervém em cada ato de comunicação: os interlocutores (emissores e destinatários, com todo o conjunto de características que são próprias a estes), as circunstâncias comunicativas e os propósitos ou intenções do ato de comunicação.<sup>2</sup>

Doravante, utilizaremos a terminologia adotada por Cabré, isto é, linguagem de especialidade, para fazer referência ao conceito supracitado.

---

<sup>1</sup>Define-se *área temática* como “área da atividade humana cujo recorte temático é cuidadosamente delimitado. Também *campo temático*”, de acordo com o Manual de Terminologia (PAVEL, 2002, p. 115).

<sup>2</sup>Tradução nossa.

A partir desta dicotomia, pode-se definir os referidos objetos de estudo no quadro de duas disciplinas linguísticas, para promovermos a análise dos estrangeirismos, empréstimos e neologismos: a Lexicologia e a Terminologia. De acordo com Barros (2004, p. 61), “*a Lexicologia estuda a palavra no nível do sistema linguístico (língua global) e a Terminologia a estuda em nível da(s) norma(s) de universos de discursos especializados*”. Assim sendo, a Lexicologia promove o estudo descritivo de unidades lexicais em um idioma determinado, enquanto que a Terminologia tem a unidade terminológica por objeto.

Por unidades lexicais, entende-se a perspectiva de Saussure dos signos linguísticos como “*a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra*”. (SAUSSURE, 1993, p. 81) Saussure propõe, ainda, a substituição de conceito e imagem acústica por significado e significante, que utilizaremos como referência a partir deste ponto do artigo.

Já por unidade terminológica (ou termo), compreende-se a perspectiva de signo terminológico, proposta por Wüster, em que “*dá-se prioridade ao conceito, analisam-no e tratam-no para, somente depois, buscar a designação correspondente*” (BARROS, 2004, p. 60). Diante disso, o signo terminológico de Wüster não seguiria o modelo de signo linguístico proposto por Saussure.

Além disso, há diferentes perspectivas teórico-metodológicas relacionadas à análise terminológica, o que influencia a compreensão e o estudo de termos estrangeiros em uma dada língua natural. A teoria clássica proposta por Wüster, conhecida como Teoria Geral da Terminologia (TGT) fundamenta-se por seu caráter normativo, ao passo que se baseia no que chama de “*princípio da univocidade*”, ou seja, para cada significado, deve-se designar um único termo. Eliminando, assim, qualquer possibilidade de variação terminológica nas línguas de especialidade.

Em contraposição a esta perspectiva, estudos terminológicos atuais, fundamentados em um caráter descritivo e social, segundo estudos do grupo de pesquisa do Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (USP), “*assumem a sinonímia, a polissemia, os recursos metafóricos, metonímicos como uma realidade da linguagem técnico-científica, de maneira análoga ao que ocorre nos discursos não especializados*”. É neste



âmbito que se insere a Socioterminologia de François Gaudin (1993), que visa analisar os aspectos e práticas sociais dos termos, valorizando a variação terminológica da comunicação especializada.<sup>3</sup>

A adoção de uma perspectiva em detrimento da outra, modifica a compreensão de fenômenos como o uso de palavras estrangeiras, uma vez que univocidade e polissemia influenciam diretamente na significação de um determinado conceito e sua consequente representação terminológica em uma determinada língua.

A pesquisa lexical explorada ao longo deste artigo caracteriza-se metodologicamente como um estudo baseado em corpus, em que um corpus é utilizado para comprovar (ou não) uma hipótese ou para extrair exemplos.<sup>4</sup> Podemos definir “*corpus*” como uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para serem uma amostra de uma língua ou variedade linguística (SARDINHA, 2004).

Os exemplos de empréstimos e estrangeirismos apresentados foram extraídos do “*Corpus Brasileiro*” do grupo GELC, que está sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP.

Para garantir a representatividade dos termos e unidades lexicais citadas como exemplos, estabeleceu-se o critério de “frequência” para a confirmação do uso concreto de tais palavras no léxico do português do Brasil. Verificou-se a frequência das unidades a partir de amostras aleatórias de 2000 linhas, buscando como resultado as concordâncias em contexto.

---

<sup>3</sup>Gaudin utiliza tanto a perspectiva sincrônica quanto a diacrônica para definir o conceito de variação terminológica, pois, de acordo com o autor, os termos possuem, necessariamente, variantes que seriam vinculadas a situações de comunicação distintas. É neste novo âmbito proposto pela Socioterminologia que o “ideal” da relação unívoca termo-conceito deixa de ser um pressuposto, como o considerava a Terminologia Clássica de Wüster. Diante disso, a perspectiva de Gaudin marca uma nova etapa para o desenvolvimento dos estudos terminológicos, que passariam de uma função puramente prescritiva para assumir um papel mais descritivo, não limitando-se, assim, apenas às necessidades terminográficas.

<sup>4</sup>Definição extraída do *Glossário de Linguística de Corpus* (TAGNIN, p. 358).

## 2. DIFERENCIAÇÃO CONCEITUAL

Para se proceder a uma análise terminológica dos termos provenientes de outras línguas, é necessário conceituar, primeiramente, as noções linguísticas de empréstimo, estrangeirismo e neologismo, bem como analisar suas implicações teóricas.

Entretanto, é necessário discutir outro conceito antes de se proceder à análise das noções supracitadas, pois essa discussão evidencia a escolha lexical dos falantes. Vilela (1997, p. 39) conceitua “registro”, definindo-o como o conjunto de variedades do código linguístico que representa as escolhas dos interlocutores entre as diversas possibilidades que lhe são oferecidas pelo próprio código.

Os “registos”, para o autor, desempenham uma função importante para a definição dos diferentes papéis assumidos pelos participantes em um ato comunicativo. Trata-se, aqui, da escolha lexical propriamente dita, que varia de acordo com a intenção comunicativa do emissor. Ainda segundo Vilela (1997, p. 39), “*os registos consistem normalmente na escolha de uma possibilidade de realização entre as diversas possibilidades de pronúncia, de sintaxe e do próprio léxico*”.

Há diversas percepções sobre o mesmo fenômeno, debatidas e defendidas por especialistas. Por um lado, há linguistas que diferenciam os conceitos de empréstimo e estrangeirismo, por exemplo, afirmando suas diferenças; enquanto, por outro lado, há aqueles que os consideram sinônimos, ou seja, asseguram que são dois termos que designam um mesmo conceito.

Essa divergência entre os autores nos obriga a procurar definições que atendam às necessidades metodológicas de pesquisa, uma vez que trabalhar com todas as acepções poderia causar certo desconforto bibliográfico e prejudicar uma plena compreensão dos fenômenos aqui analisados.

### 2.1. EMPRÉSTIMO X ESTRANGEIRISMO

Como mencionado anteriormente, não há uma única perspectiva quanto à definição de empréstimo linguístico e estrangeirismo. Para Bloomfield (1970,

p. 420 apud ALVES, 1988, p. 1-2), empréstimo seria o “*elemento que provém do acervo lexical de um idioma e que passa a ser usado em outro nível linguístico*”. Definição essa que se aproxima da visão de Houaiss (2001), sendo empréstimo definido como a “*incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua*”.

Ainda para Bloomfield (1961, p. 461 apud BASTARRICA, 2009, p. 13-14), os empréstimos podem ser divididos em três tipos: dialetais, quando os traços linguísticos emprestados são oriundos de regiões onde se fala a mesma língua; culturais, quando os traços linguísticos emprestados se originam de uma língua diferente; e íntimos, que ocorrem quando duas línguas são faladas em uma mesma comunidade.

A partir destas considerações, percebe-se que Bloomfield não diferencia empréstimo de estrangeirismo, pois nem sequer cita este último em suas considerações. O autor afirma, apenas, que os empréstimos devem se submeter à gramática da língua importadora ou receptora.

Diferentemente da visão de Bloomfield, Carvalho (1989, p. 43) aborda os conceitos de empréstimo e estrangeirismo e afirma a possibilidade de diferenciação, pois estão relacionados à dicotomia *langue/parole*, de Ferdinand de Saussure (1993), sendo o *estrangeirismo* integrante da *parole*, já que se trata de um uso individual e não de caráter social; enquanto o *empréstimo*, por sua vez, caracteriza-se como parte da *langue*, por se tratar exatamente do oposto: caráter social e não individual.

Analisando as especificidades dos conceitos de empréstimo e estrangeirismo, Bastarrica (2009) compreende que há duas relações diferenciais entre os termos: a) relação de frequência de uso; b) relação de adaptação morfossintática.

No que diz respeito à frequência de uso, empréstimos se diferenciam pelo fato de serem mais amplamente utilizados e incorporados à vida cotidiana da população, ou, no caso das línguas de especialidade, por serem mais comumente aceitos como facilitadores da comunicação especializada. Por outro lado, os estrangeirismos são provenientes de características individuais, como se observa, por exemplo, nos idioletos, sendo utilizados em situações especiais por falantes que considerem seu uso oportuno em determinado momento.

Considerando-se a adaptação morfossintática como elemento de diferenciação, Neves (2003, p. 3-4) afirma que o estrangeirismo ocorre pela “ausência de um termo ou expressão em uma língua, que se vê obrigada a fazer um ‘empréstimo’ de uma outra língua”, enquanto o empréstimo, para ser considerado como tal, deve sofrer alterações de caráter morfológico e ser incorporado à sintaxe da língua receptora. Analisando a linguagem de especialidade da informática, o termo *software* seria um exemplo de estrangeirismo, uma vez que não sofre nenhuma alteração de caráter morfossintático em seu uso. Por outro lado, os termos *deletar* e *escanear* seriam consideradas empréstimos.

Considerando que todo sistema linguístico se modifica no decorrer do tempo e do espaço, os processos de enriquecimento lexical são fundamentais, uma vez que nomeiam as inovações tecnológicas e científicas, e/ou atribuem nova carga semântica à um signo linguístico já existente. Para esse processo de ampliação do léxico, dois fenômenos são possíveis: o primeiro, intrínseco, pertencente ao próprio mecanismo do idioma; e o segundo, extrínseco, resultante dos contatos linguísticos. (BORBA, 1986, p. 271).

O primeiro processo diz respeito à composição e derivação. A *composição* é definida pelo autor como a reunião de duas ou mais palavras numa só, na qual seus elementos podem ser de dois tipos: partículas sem significação independente (tais como os prefixos); palavras independentes ou de significação externa (que podem se unir para formar diversos tipos de compostos).

No que concerne à semântica, Borba (1986) afirma que um dos elementos do composto assume o papel de determinante, enquanto o outro assume a função de determinado. Quanto à fonética, os elementos do composto podem se unir com perda ou não do que se chama “integridade fonética” (BORBA, 1986, p. 272-273), como é o caso das justaposições (conserva-se a integridade fonética) nas palavras “girassol” (port.), “salvoconducto” (esp.) e “pourboire” (fr.), e das aglutinações (o primeiro componente perde segmentos fônicos), como em “aguardente” (port.), “aguardiente” (esp.) e “aubépine” (fr.).

O segundo elemento do processo intrínseco, a *derivação*, é definido por Borba (1986, p. 275) como o “processo pelo qual se forma uma palavra nova,

tomando-se como base uma raiz ou radical, ou uma palavra já existente na língua”, realizado, normalmente, pela adição de sufixos à raiz ou radical.

O segundo processo de enriquecimento linguístico discutido pelo autor, o extrínseco, diz respeito aos empréstimos e estrangeirismos. Borba (1986, p. 276) afirma a impossibilidade de uma língua ou dialeto se desenvolver ao “abrigo” de influência exterior, de forma isolada, devido às necessidades de intercâmbio que põem os indivíduos em contato direto ou indireto com línguas geograficamente vizinhas ou culturalmente dominantes.

O autor assegura, ainda, que este contato linguístico é uma necessidade histórica que “desempenha papel importante no desenvolvimento linguístico, pois desencadeia penetração” (Idem).

Observa-se, então, a presença de um olhar preocupado com as relações sociais, territoriais e políticas nos estudos dos empréstimos e estrangeirismos, uma vez que a influência de uma língua sobre outra se exerce em vários graus, não apenas intrínsecos, que podem inclusive variar de acordo com parâmetros culturais de cada grupo. Assim, “uma língua de um povo tido como centro irradiador de cultura está em melhores condições para emprestar que para assimilar” (BORBA, 1986, p. 276-277).

Entretanto, as diferenças teóricas entre empréstimos e estrangeirismos não se resumem às supracitadas, como expõe o quadro de Bastarrica (2009).

	<b>Empréstimo Linguístico</b>	<b>Estrangeirismo</b>
<b>Quanto ao acervo lexical</b>	Unidade lexical já difundida e incorporada ao acervo lexical do idioma (ALVES, 1995, p. 319).	Não faz parte do acervo lexical do idioma (ALVES, 1994, p. 72).
<b>Quanto ao sistema linguístico</b>	Elemento da <i>langue</i> (uso socializado) (CARVALHO, 1999, p. 43).	Elemento da <i>parole</i> (uso individual) (CARVALHO, 1999, p. 43).
<b>Quanto à origem</b>	Tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura (CARVALHO, 1999, p. 42).	Desejo de impressionar.
<b>Quanto à forma</b>	Pode sofrer adaptação (ou não) à estrutura da língua importadora.  Apresenta-se, inicialmente, sob a forma de estrangeirismo, ou seja, é utilizado para imprimir um certo exotismo, um pouco de cor local ao discurso do falante (ALVES, 1995, p. 319).  Adoção de traços linguísticos que diferem daqueles que pertencem ao sistema tradicional (BLOOMFIELD, 1933, p. 444).	Não sofre adaptação à estrutura da língua importadora; mantém sua forma original.  Quando apresentar adaptações gráficas, morfosintáticas, semânticas ou alta frequência de uso, será considerado um empréstimo (LAMBERTI, 1999, p. 26).

**Quadro 1** – Comparação entre empréstimo linguístico e estrangeirismo.

FONTE: BASTARRICA, Maristela Lutz, 2009.

Como se observa no quadro, uma importante diferença em relação aos dois conceitos já estabelecidos previamente diz respeito à origem. A autora da tabela define *estrangeirismo quanto à origem*, como um desejo de impressionar, isto é, uma motivação estritamente pessoal de adaptação linguística, enquanto o *empréstimo* atua em âmbito muito mais amplo, fazendo alusão à transferência intercultural.

A partir dessa análise bibliográfica, adota-se, para este artigo, a existência de características que diferenciam empréstimos linguísticos de estrangeirismos. Esta visão se deve a uma abordagem metodológica, ou seja, não há a pretensão de indicar que uma determinada perspectiva se sobreponha à outra.

## 2.2. NEOLOGISMO E NEOLOGIA

Define-se por neologismo, de modo geral, a unidade lexical resultante do processo de criação lexical. No que diz respeito à linguagem de especialidade, Carvalho (2006, p. 194) ressalta que:

os termos novos, como resultantes da criatividade linguística, são também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana.

Assim, tem-se a premissa de que a neologia diz respeito, majoritariamente, à criatividade lexical (GUILBERT, 1975), podendo ser dividida, segundo Correia (2005, p. 13), em dois tipos: *neologia denominativa*, resultante da necessidade de nomear novas realidades (objetos, conceitos), anteriormente inexistentes; e *neologia estilística* (ou *expressiva*): correspondente à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo.

Portanto, é possível dizer que ambos empréstimos e estrangeirismos são, direta ou indiretamente, relacionados à este processo de criação lexical. O primeiro, por necessitar de adaptações morfológicas, definindo, assim, uma nova unidade lexical na língua importadora. O segundo, por sua vez, pode ser considerado uma nova unidade lexical, por expressar uma ideia que, a princípio, não teria um equivalente semântico nesta língua.

O conjunto morfológico de uma língua e os processos combinatórios que lhe são particulares servem para duas finalidades: estruturar e enriquecer o léxico desta língua; e possibilitar a indicação de valores gramaticais (BORBA, 2008, p. 160-165). A primeira finalidade faz alusão à morfologia lexical, que usa a derivação e a composição como mecanismos básicos para conseguir novas unidades lexicais. Sendo assim, a morfologia lexical possibilita o empréstimo de terminologias estrangeiras para outras línguas sem que se cause estranheza prosódica.

Borba (2008, p. 161) afirma que *“por expressar diferenças vocabulares, quase toda a criatividade mórfica da língua está a cargo da morfologia lexical”*, que trata da organização formal do léxico. Estamos, portanto, diante de um aspecto que ajuda a construir o léxico de uma determinada língua, juntamente com a semântica lexical. O léxico se organiza sob esses dois aspectos (da forma e do sentido) e a disciplina que se ocupa em descrever estas unidades é a Lexicologia.

A semântica lexical estuda a organização semântica do léxico: ela analisa o sentido das palavras e as relações que elas estabelecem entre si. A morfologia lexical estuda a organização formal do léxico: ela analisa a estrutura das palavras e das relações de forma e sentido que existem entre elas. <sup>5</sup>(LEHMANN e MARTIN-BERTHET, 2008, p.15)

A título de ilustração, podemos citar, uma vez mais, os termos “deletar” e “software”. Advindo da unidade terminológica “delete”, da linguagem de especialidade da informática, “deletar” se caracterizaria como um empréstimo, devido à adaptação morfológica da palavra, transformando-a em um verbo na

---

<sup>5</sup>Tradução nossa.

língua portuguesa a partir do sufixo –ar, típica terminação de verbos na 1ª conjugação.

Já o caso de “software”, termo importado da língua inglesa, não se encaixa no mesmo caso de “deletar”, pois não há formação de uma nova unidade na língua portuguesa, nem ao menos uma adaptação a esta, mas o que se observa é, na realidade, o uso da palavra grafada exatamente como na língua de origem, sem alterações morfológicas, para indicar uma carga semântica que, a princípio, não teria um equivalente na língua importadora. Sendo assim, trata-se de um estrangeirismo, não de um empréstimo.

Assim, os falantes do português do Brasil não falaria ou escreveriam uma possível tradução literal do termo em inglês “software”, por já utilizarem a unidade terminológica sem alterações, processo este que ocorre de outra maneira quanto à utilização de “delete”, transformada e adaptada para “deletar”.

Logo, ambos os casos podem ser considerados neologismos. O primeiro, se aprofundarmos um pouco mais a análise, poderia ser considerado um *neologismo denominativo*, pois observou-se a necessidade de caracterizar, expressar e nomear uma nova ação a partir de uma nova realidade, advinda do uso da língua de especialidade do ramo da informática em larga escala. Já no segundo caso, tem-se em “software” uma *neologia estilística ou expressiva*, já que tal palavra é utilizada como na língua de origem para dar maior expressividade e clareza conceitual ao termo.

### **3. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA**

Como visto anteriormente, na seção introdutória deste artigo, a Terminologia exerce um papel fundamental na análise de estrangeirismos e empréstimos pelo fato de se tratar de uma abordagem das palavras enquanto termos provenientes de uma determinada linguagem de especialidade, que se difere das unidades lexicais presentes na análise da língua geral ou língua global.

Boulanger (1989, p. 200-207) observa que o conceito de neologia, com os estudos realizados a partir da década de 70, tornou-se polissêmico por



consequência das políticas de planejamento linguístico<sup>6</sup>, que fizeram com que a neologia estabelecesse uma relação mais estreita com a Terminologia, “já que o ato de nomear começa também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e intervenção linguística” (ALVES, 1998, p. 26).

Observa-se, então, que os neologismos da língua geral e os neologismos terminológicos apresentam aspectos diferenciais consideráveis. Alves (1998, p. 27-29) estabelece algumas destas diferenças.

Primeiramente, os neologismos terminológicos, isto é, novos conjuntos de palavras próprios de uma determinada especialidade, resultam de criação motivada, que é ditada pela necessidade de dominação no desenvolvimento das ciências, o que confere aos neologismos um caráter relativamente normativo e estável.

Esses neologismos terminológicos pertencem a uma rede conceitual, na qual existe, de modo ideal, uma relação unívoca entre designação e conceito, o que confere, neste caso, um caráter denotativo e internacional à estes elementos.

Pode-se concluir, diante de tais análises, que os neologismos terminológicos estão necessariamente ligados a uma política de planificação linguística, por serem resultado de criação motivada e por responderem às necessidades específicas de uma área temática. Contudo, Cabré (1993, p. 452) argumenta que é importante salientar o *caráter indicativo* da criação de neologismos terminológicos, pois este processo deve refletir e indicar a dinâmica das línguas e a liberdade de seus falantes, que não necessariamente caminham de acordo com os organismos e as propostas de planificação.

O que se propõe aqui não é uma análise exclusivamente terminológica em detrimento da Lexicologia, nem mesmo sobrepor uma perspectiva à outra, mas sim compreender e explorar os benefícios que a perspectiva da Terminologia, enquanto disciplina linguística, pode proporcionar ao entendimento e estudo dos estrangeirismos, empréstimos e neologismos de modo geral.

---

<sup>6</sup>Por planejamento linguístico entende-se o processo de intervenção do Estado com o objetivo de modificar o comportamento linguístico de seus cidadãos (BARROS, 2003, p. 79).

### 3.1. A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE

A linguagem de especialidade, contrariamente às línguas gerais, se caracteriza pela necessidade de manutenção da eficácia comunicacional, uma vez que os especialistas de uma determinada área de conhecimento devem ser capazes de se comunicar de maneira clara, rápida e com o menor número possível de ambiguidades.

Barros (2004, p. 83), em seu livro *“Curso Básico de Terminologia”*, reforça esta perspectiva, assegurando que *“a busca da eficácia comunicacional, sobretudo nos domínios de especialidade, pode conduzir à normalização”*. A normalização terminológica é definida por organismos de caráter nacional e internacional, que *“estudam conjuntos terminológicos de domínios específicos e propõem normas de uso monolíngue e multilíngue”* a fim de refinar a comunicação entre as áreas de especialidade nos níveis nacional e internacional.

Ainda aprofundando a ideia da importância de tal normalização nos discursos especializados, a autora assevera que:

as obras terminográficas (dicionários terminológicos), produzidas por organismos de normalização, registram terminologias recomendadas e que devem, de preferência, ser utilizadas em comunicações técnicas e científicas. (BARROS, 2004, p. 83-84)

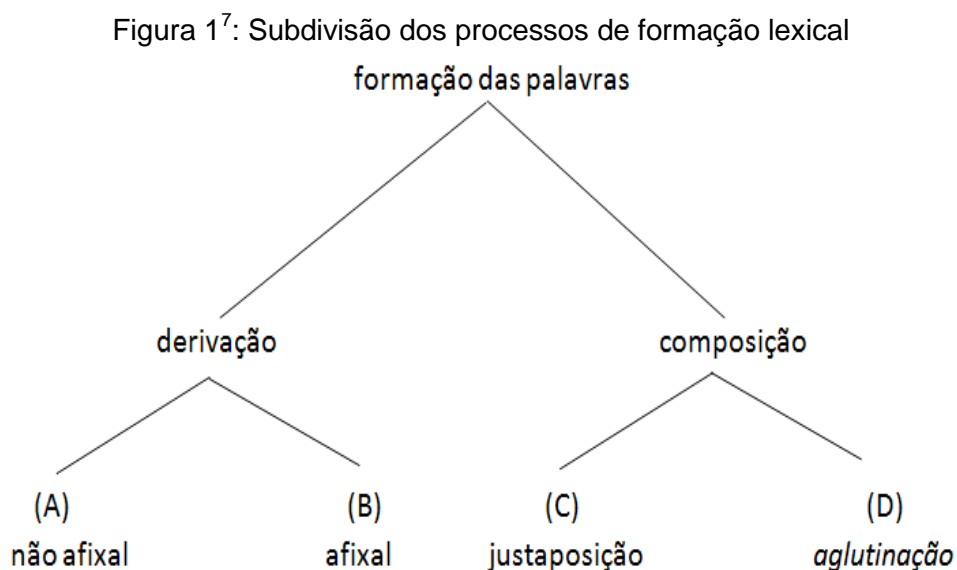
A aplicação prática de tais obras pode ser observada em artigos científicos, relatórios de pesquisa e até mesmo em manuais de instrução de um computador, por exemplo. Ainda que seja feita uma ou mais traduções para outras línguas que não sejam a língua nacional do país em que se produziu um determinado produto, é possível fazer uma análise comparativa de tais traduções.

Observa-se que há muitos termos que se repetem sem alteração (como é o que acontece com os estrangeirismos “mouse”, indicando o aparelho cursor do computador, e “enter”, designando uma das teclas de função), pois a tradução literal de tais termos não encadearia um entendimento mais claro do

manual especializado, uma vez que termos como “camundongo” e “entra” não seriam interpretados pelo falante de português do Brasil como pertencentes à linguagem de especialidade da informática, mas sim como unidades lexicais pertencentes à língua geral.

Os estudos de morfologia lexical são importantes, por sua vez, para o estabelecimento dos empréstimos linguísticos. Esses estudos são responsáveis pela junção estrutural de afixos à uma determinada raiz, para que haja uma consequente modificação de seu significado a partir de uma mudança morfológica. Este fenômeno é claramente observado nos empréstimos, pois estes fazem uso da adaptação morfológica para se adequarem às regras da língua importadora.

O processo de formação de palavras por uso da morfologia lexical é complexo e engloba diversas estratégias distintas que possibilitam a escolha lexical dos falantes de determinada língua, como se observa no esquema abaixo:



Analisaremos, aqui, apenas os casos de derivação do tipo *afixal*, ou seja, a junção de prefixos (prefixal), de sufixos (sufixal), regressiva e parassintética na formação dos empréstimos.

<sup>7</sup>Trata-se de um diagrama mimeografado, extraído de material didático produzido por Marcos de Campos Carneiro, professor da disciplina “Línguas, Léxico e Terminologia 1” do LEA-MSI/UnB.

Como exemplo de *derivação prefixal*, podemos citar a palavra “*remake*”. Em inglês, há a adição do prefixo *re-* à palavra *make*. No entanto, a língua portuguesa não importou “*make*” como estrangeirismo, apenas a derivação prefixal “*remake*”. Isto é, trata-se de uma “forma pronta”, uma vez que o falante do português do Brasil que não tivesse conhecimentos acerca do processo de enriquecimento lexical por derivação prefixal em língua inglesa não necessariamente reconheceria esta estratégia.

Já com a *derivação sufixal*, os exemplos são diversos, principalmente no que diz respeito à adição de terminações verbais de acordo com a RFP da língua importadora. Alguns exemplos são: “*avançar*”, do francês *avancer*, “*pausar*”, do inglês *pause* e “*meter*”, do infinitivo latino *mittere*. Diferentemente do exemplo de “*remake*”, tem-se o verbo “*tuitar*” (derivação sufixal que surge a partir da ação de publicar algo na rede social *Twitter*), caso este que é nitidamente derivado.

A língua francesa também emprestou palavras por *derivação regressiva*, ou seja, quando há a retirada de uma determinada desinência de uma língua para a outra ou dentro de um mesmo sistema linguístico, à língua portuguesa, como é o caso de “*débattre*” originando “*débat*” no francês, conseqüentemente, “*debater*” e “*debate*” no português.

Como empréstimo de *derivação parassintética* (caso este em que há derivações de origem prefixal e sufixal, simultaneamente), pode-se citar o verbo “*estressar*”, do inglês “*stress*”, composto pela adição de *e-* antes da raiz morfológica e do sufixo de terminação verbal *-ar*.

Diante dos exemplos supracitados, é possível compreender a importância da morfologia lexical dentro dos seus processos já supracitados (derivação e composição), com seus respectivos motivacionais (intrínsecos e extrínsecos), enquanto mecanismo de ampliação lexical, e a importância dessas influências linguísticas na formação das línguas de especialidade, como elemento que favorece a transmissão de um significado em forma de um único termo entre várias línguas.

Evidencia-se, desse modo, a necessidade de levar em consideração o estudo das línguas especializadas para a análise dos termos provenientes de línguas estrangeiras, pois, nestes casos, os empréstimos e estrangeirismos são amplamente utilizados para o fim maior de estabelecer uma comunicação

mais direta entre as áreas temáticas, principalmente no que diz respeito à troca de informações de pesquisas, de resultados de experimentos, entre outras funções comunicativas essenciais para o desenvolvimento das ciências em âmbito internacional.

#### 4. DIFERENTES VISÕES SOBRE O MESMO FENÔMENO

Há, indubitavelmente, controvérsias quanto à utilização e aceitação dos estrangeirismos e empréstimos como parte integrante de uma determinada linguagem de especialidade na língua importadora. No entanto, algumas ressalvas e análises devem ser feitas para compreender, de maneira mais ampla e abrangente, a influência que uma língua exerce em relação à outra.

Um dos pontos primordiais para essa compreensão foi trabalhado na seção anterior deste artigo: a importância dos termos de origem estrangeira para a comunicação em determinada língua de especialidade. É a partir da necessidade de se obter uma comunicação eficaz entre os ramos de uma ciência ou entre pesquisadores de uma área de estudo específica que se utiliza, em média e larga escala, termos provenientes de outras línguas. Isto é compreensível se levarmos em consideração, por exemplo, a conjuntura político-econômica, tecnológica e sociocultural do mundo globalizado em que vivemos atualmente.

Analisando esta questão, evidencia-se a grande influência que os Estados Unidos exerce sobre os demais países, fundamentalmente, aqueles considerados “ocidentais”. Esta influência, observada em variados aspectos de produção, eleva a língua inglesa à um patamar de “*língua franca global*”, como definem Kowner e Rosenhouse (2008, p. 1).

Sendo os Estados Unidos o principal polo irradiador de conhecimentos de diversas línguas de especialidade, por ocupar uma posição estratégica e privilegiada de potência mundial, é nítido o reflexo que tal posição garante à língua inglesa, o que explica, em partes, o fato de esta ser a principal fonte de difusão de empréstimos e estrangeirismos. “*Isto se confirma pela extensão de sua difusão geográfica, o número de falantes e sua significância geral.*” (KOWNER e ROSENHOUSE, idem).

O inglês não apenas ocupa uma posição privilegiada enquanto língua de negociação e comércio, mas também na produção acadêmico-científica. Daí a forte presença de anglicismos no âmbito das línguas de especialidade, isto é, a língua inglesa acaba por servir de fonte primária para empréstimos lexicais, promovendo uma necessidade de normalização em torno destes termos emprestados. Como afirmam Kowner e Rosenhouse (2008, *idem*) “*desse modo, outras línguas estão cada vez mais buscando o inglês enquanto fonte de novo vocabulário e incorporando empréstimos de origem inglesa à seu léxico*”.

Contudo, há duas principais perspectivas acerca deste fenômeno de influência lexical direta de uma língua em outra: há aqueles que acreditam que ambos os empréstimos e estrangeirismos promovem a descaracterização da língua importadora; por outro lado, há os que asseguram que tais fenômenos servem para a ampliação do léxico da língua importadora, enriquecendo-a.

#### **4.1. Empréstimos e Estrangeirismos: descaracterização linguística**

Sendo cada língua composta por um sistema linguístico próprio, alguns autores observam esta característica por uma perspectiva nacionalista, centrada na valorização da identidade cultural de um determinado povo, enquanto parte de um território.

Por esta perspectiva, o uso exacerbado de empréstimos e estrangeirismos seria um elemento de descaracterização linguística, prejudicando a manutenção do sentimento de pertencer a uma nação e, conseqüentemente, promovendo a desvalorização da língua nacional.

Araújo e Teixeira (2011, p. 13) reiteram esta visão, afirmando que “*na literatura, são frequentes as referências ao sentimento de inferioridade do brasileiro e à fixação pelo estrangeiro*”.

Um exemplo claro de supervalorização do que é estrangeiro por parte dos falantes do português do Brasil, é citado por Nelson Rodrigues (1993, p. 51), que define o brasileiro como “*um narciso às avessas, que cospe na própria imagem*”. O autor faz uso do termo “complexo de vira-lata” para expressar um possível sentimento de inferioridade dos brasileiros perante outras línguas e outras nações.

A partir da perspectiva destes autores, pode-se encarar tanto o uso de empréstimos linguísticos como de estrangeirismos como um malefício à nação, à língua materna, promovendo sua descaracterização em detrimento de uma comunicação mais eficaz, globalizada.

Assim, apesar de haver a presença inevitável de estrangeirismos em uma determinada língua, uma vez que a língua não é estática e está sempre em contato com outras, podemos inferir que vários destes termos estrangeiros poderiam ser evitados.

O âmbito comercial fornece alguns bons exemplos. Podemos começar pelo nome dado ao lugar em que se faz compras no Brasil: o “*shopping center*”. Não nos causaria nenhum incômodo se utilizássemos a expressão em português “*centro de compras*”, pois esta não diminuiria a carga semântica atribuída ao local.

No entanto, dentro do “*shopping center*”, observa-se ainda outros exemplos de estrangeirismos que não necessariamente são mais adequados, como é o caso de “*OFF*” e “*onsale*”. Quando há uma “*liquidação*”, utilizar a expressão “*50% OFF*”, por exemplo, remete automaticamente à uma realidade anglófona de “*sale*”, pois este é o termo utilizado nas lojas de países que tem o inglês como língua nacional. Enquanto, no Brasil, se poderia dizer “*50% de desconto*” sem que haja um prejuízo na comunicação.

Observa-se, então, que o objetivo de promover uma comunicação mais eficaz por meio do uso de palavras de origem estrangeira, nem sempre é alcançado. Então, nesse viés de que estrangeirismos e empréstimos depreciam a cultura nacional, nos casos supracitados há, na verdade, uma adaptação desnecessária, uma vez que os termos em português seriam, em alguns casos, equivalentes semânticos mais adequados ao sistema da língua portuguesa do Brasil.

#### **4.2. Empréstimos e Estrangeirismos: ampliação do léxico**

Diferenciando-se da perspectiva da descaracterização linguística, há autores que defendem que os empréstimos e os estrangeirismos são fenômenos inerentes das relações sociais entre povos de diferentes línguas

nativas. Logo, valoriza-se essas trocas linguísticas e culturais, pois servem como elementos de ampliação do léxico de uma língua.

Sandmann (1992, p. 72 apud BASTARRICA, 2009; p. 13-16) é adepto desta perspectiva da naturalidade do empréstimo linguístico:

Quando duas línguas e culturas diferentes estão em contato, é natural que ocorra o intercâmbio e, durante esse intercâmbio, a cultura de uma comunidade e, por consequência, sua língua, podem exercer mais influência que receber.

Bastarrica (2009, p. 18) faz uma síntese dos autores que definem os empréstimos e estrangeirismos, bem como explicam as razões, motivações que levam à adoção e adaptação destes termos estrangeiros no âmbito das línguas de especialidade.

A autora considera que as motivações para a utilização de um termo estrangeiro permeiam diversas áreas, mas não se pode afirmar que tais fenômenos sejam terminantemente negativos ou até mesmo prejudiciais à uma determinada língua, pois são vistos, de modo geral, como processos naturais, inerentes ao contato cultural e linguístico, como observado pela teoria sociolinguística.

A título de ilustração, Bloomfield (1961) vê como fator motivador a difusão cultural. Seguindo o pensamento proposto pelo autor, observa-se que Câmara (1989) define o contato entre povos de línguas distintas como razão para a utilização de termos estrangeiros, o que se diferencia, superficialmente, da motivação proposta por Guilbert (1975), que indica a necessidade de obtenção de termos para uso em determinadas áreas como fator primordial. Além disso, o autor cita que há casos em que o termo estrangeiro emprestado possui conteúdo mais rico ou oferece uma maior comodidade ao falante do que uma tradução literal, por exemplo.

Já Alves (1988) suscita um ponto negativo do uso dos estrangeirismos, que é quando o falante os utiliza sem que haja uma necessidade evidente, ou seja, utiliza-o por prestígio, para indicar um determinado nível de conhecimento na língua estrangeira em questão. No entanto, as outras duas razões propostas



pela autora são positivas: a) Quando a unidade lexical estrangeira possui uma informação mais concreta, mais importante que a contida no elemento da língua importadora; b) Quando se utiliza termos estrangeiros por necessidade de desenvolvimento econômico e tecnológico.

Por último, Carvalho (1989) indica, nos moldes das motivações de Bloomfield (1961) e Câmara (1989), que o contato interpessoal e à distância seriam as principais causas da utilização de tais termos.

Sendo assim, estes autores não partem de uma perspectiva de valorização da dicotomia língua-nação para defender suas abordagens linguísticas em relação aos termos provenientes de línguas estrangeiras, pois a língua não é um sistema estático e, portanto, não deve ser analisada enquanto pertencente à um território pré-determinado. O empréstimo seria, então, “o processo de renovação lexical de um idioma, por meio do qual uma língua adota ou adapta termos de uma língua estrangeira” (BASTARRICA, 2009, p. 17), não ocasionando, necessariamente, uma descaracterização da língua importadora e nem mesmo sua desvalorização.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve o objetivo de discorrer sobre as principais implicações que permeiam o uso de signos linguísticos, mais especificamente, de termos especializados oriundos de línguas estrangeiras, sejam elas estrangeirismos, empréstimos ou neologismos, como adoção e/ou adaptação vocabular em detrimento de termos necessariamente vernáculos.

Para tal exposição, buscou-se relacionar as diversas motivações para o uso destes termos, ilustrando com exemplos concretos de ambos empréstimos e estrangeirismos de línguas como o inglês e o francês, utilizados, adaptados ou incorporados pelos falantes do português do Brasil.

Diferenciou-se, por razões metodológicas, as distintas abordagens conceituais dos termos “estrangeirismo”, “empréstimo” e “neologismo”, compreendendo que tratam-se de conceitos diferentes, mas intrinsecamente relacionados.

Além disso, é possível concluir ao longo do artigo, que a Terminologia exerce papel fundamental na compreensão dos termos estudados, uma vez

que a valorização de um termo em detrimento de outro tem uma influência direta na utilização deste termo a nível nacional e internacional. Igualmente, quando se trata de termos de línguas de especialidade, pretende-se promover uma comunicação mais eficaz entre as ciências e os pesquisadores de uma determinada área temática para que, ainda que cada pesquisa seja feita em uma determinada língua de origem, seus resultados possam ser difundidos e discutidos pelo maior número possível de especialistas e profissionais.

Observou-se, do mesmo modo, as questões motivacionais de cunho cultural para a utilização dos estrangeirismos, cabendo, neste caso, a argumentação de Araújo e Teixeira (2011, p. 14)

é possível entender o fenômeno do estrangeirismo como uma dimensão bipolar, onde um pólo representa a solicitude do brasileiro para com o estrangeiro, e o outro pólo o comportamento arrogante, guardando entre si uma relação de compensação.

Considerou-se, então, que há duas principais perspectivas quanto à estes fenômenos. A teoria que defende a valorização da nação e, conseqüentemente, da língua nacional em relação ao uso de termos estrangeiros, pois estes descaracterizariam a primeira. Entretanto, há diversos autores que defendem a naturalidade destes processos, uma vez que as línguas e os povos que as falam estão em contato constante e há motivações razoáveis para que se adote um determinado estrangeirismo no lugar de um termo equivalente na língua nativa.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Ieda Maria. *Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira*. São Paulo: Alfa, 1988.

ALVES, Ieda M. (1998) *Neologia e tecnoletos*. In: OLIVEIRA, A.M. & ISQUERDO, A. (orgs.) *As ciências do léxico*. Campo Grande, Editora UFMS, 1998. pp. 23-30.

ARAÚJO, Bruno Felix vonBorell de; TEIXEIRA, Maria Luisa Mendes. *Estrangeirismo e Complexo de Gulliver: brasileiros na percepção de expatriados de diferentes origens*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. Disponível em: < [http://www.fucape.br/\\_public/producao\\_cientifica/2/BRUNO%20FELIX](http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/2/BRUNO%20FELIX). >

BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BASTARRICA, Maristela Lutz. *Empréstimos linguísticos do inglês: um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia*. UFRGS. Rio de Grande do Sul: Lume, 2009.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos Lingüísticos*. São Paulo: Nacional, 1986.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos Lingüísticos*. São Paulo: Pontes Editores, 16ª ed., 2008.

BOULANGER, *L'évolution du concept de Néologie de la linguistiqueaux industries de la langue*. In: SCHAEZTEN, C. *Terminologiediachronique*. Paris:Conseil International de la LangueFrançaise, 1989.

CABRÉ, María Teresa. *La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*.Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CARVALHO, Nelly Medeiros. *A Criação Neológica*. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Nelly Medeiros. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo de. *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRACO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOWNER, Rotem; ROSENHOUSE, Judith. *Globally Speaking – Motives for adopting English Vocabulary in other languages*. Frankfurt: British Library, 2008.

LEHMANN, Alise; MARTIN-BERTHET, Françoise. *Introduction à la lexicologie: Sémantique et Morphologie*. Armand Colin, 3ª ed., 2008.

NEVES, Luiz Euclides da Silva. *Empréstimo e estrangeirismo, uma questão lingüística e/ou de soberania?*. UNAMA. Amazônia. 2003.

Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0 © 5ª. Edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. ©2010 by Regis Ltda.

Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo. *Terminologia – O que é?*. USP. São Paulo. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/terminologia.php>> Acessado em: 21/01/2013

RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Carlos Almeida; FILHO, Manoel Soares Sarmento. *Linguagens de Especialidade – Um inventário de verbetes para dicionários técnico-científicos*. UESB. Bahia, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/10.htm>> Acessado em: 27/01/2013

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Natureza do Signo Linguístico*. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1993.

TAGNIN, Stella. *Glossário de Linguística de Corpus*. São Paulo: USP, 2008.

VILELA, Mário. *O léxico do português: perspectivação geral*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 1, p. 31-50, 1997.